

Ética e linguagem: uma perspectiva marxista

Renato Campos Pordeus

Mestrando pelo Departamento de Filosofia da UFPE

1. Modo de produção e a formação da estrutura política e ética

A compreensão do homem, segundo Marx, acontece na “organização física destes indivíduos e a relação que por isso existe com o resto da natureza” (Marx & Engels, 2002: 10). Sendo assim, o homem não é algo dado, único, determinado; seu comportamento depende de sua organização perante a natureza; sua ética é formada em relacionamento direto com sua forma de produzir. “Ao produzirem os seus meios de vida, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material (Marx & Engels, 2002: 15)”. O modo de produção do homem depende da natureza posta e dos meios de vida a reproduzir. Esse modo de produção não deve ser considerado apenas no sentido físico de reprodução do homem: a atividade (trabalho) do homem é a expressão de sua vida. Dessa forma, os homens são aquilo que eles produzem e como produzem. O que os homens são depende diretamente das suas condições de produção.

Cada nova força produtiva criada tem como consequência uma nova constituição da divisão do trabalho. As diferentes formas de trabalho determinam as relações entre os indivíduos no que “respeita ao material, ao instrumento e ao produto do trabalho” (Marx & Engels, 2002: 16):

O fato é, portanto, este: o de determinados indivíduos, que trabalham produtivamente de determinado modo, entrarem em determinadas relações sociais e políticas. ... A estrutura social e o Estado decorrem constantemente do processo de vida de determinados indivíduos (Marx & Engels, 2002: 21).

Desta forma, os indivíduos não são como eles se vêem, como eles se entendem, ou como a alteridade os representam, são na verdade “como agem, como produzem materialmente, como trabalham, portanto, em determinados limites, premissas e condições materiais que não dependem de sua vontade”. (Marx & Engels, 2002: 21) Assim, a produção humana de idéias, costumes, políticas, estão intrinsecamente relacionadas com “a atividade material e o intercâmbio material dos homens, linguagem da vida real” (Marx & Engels, 2002: 22). Segundo Marx, a vida espiritual do homem, tal como o pensar, o intercâmbio espiritual são reflexos de sua “vida material”.

... O mesmo se aplica à produção espiritual como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc., de um povo. Os homens são os produtores das suas representações, idéias, etc., mas os homens reais, os homens que realizam (*diewirklichen, wirkenden Menschen*), tais como se encontram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e do intercâmbio que a estas corresponde até às suas formações mais avançadas. A consciência nunca pode ser outra coisa se não o ser consciente, o ser dos homens é o seu processo real de vida. (Marx & Engels,

2002: 22).

Então o ser de consciência é o ser trabalhador, real da vida, e nunca o ser ideológico, que para Marx, está de cabeça para baixo, pois é analisado não pela sua história, mas sim de como ele deveria ser, partindo do espiritual para enfim chegar ao material ou “real”. Na concepção materialista – histórico não se parte daquilo que o homem se imagina, dizem ser, se representam, ou são “narrados, pensados, imaginados, representados” (Marx & Engels, 2002: 22), mas sim do que realmente produzem materialmente, do homem ativo. Então, como reflexo de suas atividades materiais, surgem os “ecos ideológicos” deste processo de vida. Nesse caso a moral, a religião, a metafísica, são resultados das necessidades do seu processo material de vida.

Não têm história, não têm desenvolvimento, são os homens que desenvolvem a sua produção material e o seu intercâmbio material que, ao mudarem esta sua realidade, mudam também o seu pensamento e os produtos do seu pensamento (Marx & Engels, 2002: 23).

Desta forma, para Marx, não é a consciência que transforma a vida e sim a vida que transforma a consciência. Esta conclusão tem como premissas o desenvolvimento real do homem, real no sentido de que seja empiricamente perceptível em certas condições, ou seja, atividade do homem, sua produção, que não é determinado (único), pois muda de acordo com suas condições de produção e da natureza em que se encontra.

O sistema de produção dos meios materiais de existência condiciona todo o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina sua existência, porém, pelo contrário, é a sua existência social que lhes determina a consciência. (Fromm apud Marx, 1964: 197)

O homem é o que ele produz, o conhecimento real é o que pode ser analisado em um processo histórico e não algo que deve ser, o homem não é algo imaginado, abstrato, ele é a sua atividade prática. Assim o homem é quem modifica as circunstâncias em que está posto “e que o próprio educador deve ser educado.” Uma modificação das circunstâncias em sincronia com a modificação dá prática humana, “só pode ser apreendida e compreendida racionalmente como praxis revolucionária. (Marx & Engels, 1987: 126)”

Quando não há possibilidade de especulação, se tem início uma ciência real e contributiva, e que vai ter como base o desenvolvimento prático do homem. Então para começarmos a entender a ética temos que colher exemplos históricos da realidade produtiva material humana e abstrair do materialismo histórico, não de ideologias desligadas ou invertidas, e sim à formação ética de certo período como produto de seus modos de produção, tornando-se assim exemplos históricos.

2. Relação ética e materialismo histórico

Para Marx, a filosofia não resolve e nunca resolveu a questão da liberdade do homem, pois para ele o homem nunca foi preso por palavras e nunca houve avanço na humanidade por terem resolvido questões como substância, bem, autoconsciência. O homem só consegue liberdade no mundo real se for por meios reais:

...de que não se pode abolir a escravatura sem a máquina a vapor e a mule-jenny, nem a servidão sem uma agricultura aperfeiçoada, de que de modo nenhum se pode libertar os homens enquanto estes não estiverem em condições de adquirir comida e bebida, habitação e vestuário na qualidade e quantidade perfeitas. (Marx & Engels, 1987: 25)

A libertação do homem não se dá na cabeça, na idéia, é na verdade um ato histórico e ocorre na indústria, no comércio, na agricultura, etc.. A cada etapa do desenvolvimento material histórico, o homem cria ideologias que justifique seu modo de produção e no momento que desenvolvem o seu modo de produção, destroem as velhas ideologias e passam a criar novas com a mesma facilidade. Desta forma, “para o materialista prático, isto é, para o comunista, trata-se de revolucionar o mundo existente, de atacar e transformar na prática as coisas que encontram no mundo” (Marx & Engels, 1987: 26).

Então, uma filosofia que tem por ética à contemplação do homem para com o mundo sensível é uma filosofia estagnada e uma ética seletiva, pois não tem como objetivo a mudança factual do mundo e dos homens em geral, mas sim do homem ideal (Marx critica Feuerbach, afirmando que este faz uma filosofia para o alemão e não para o homem como um todo). Homem este que é resultado de um momento histórico e não de uma eternidade fixa, é o homem ideal para com um contexto histórico em que a abstração do ideal foi tida. O mundo sensível não é um mundo eterno, igual, imutável, é o resultado do modo de produção de dado momento histórico em que se encontra tal sociedade. A natureza sensível se encontra de uma forma porque o homem ainda não interagiu com ela, no momento em que o homem percebe a natureza esta passa a fazer parte da historia humana, não há natureza fixa, pois a história da natureza coincide com a história humana:

A cerejeira, como é sabido, e bem assim quase todas as árvores de fruto, só há poucos séculos foi transplantada para a nossa zona por meio do comércio, e por isso só por meio desta ação de uma determinada sociedade num determinado tempo foi dada à ((certeza sensível)) de Feuerbach. (Marx & Engels, 1987: 27)

Marx, ao examinar a relação do homem com a natureza, traz a tona um forte argumento de defesa de sua tese materialista, pois questiona se a natureza é algo separado da historia do homem, ou se a historia da natureza pode existir sem o homem. O homem sempre se depara com uma natureza dada, porém sempre está em relacionamento com esta, e este relacionamento gera mudanças, tanto na natureza como no próprio homem. Não é possível pensar a natureza e o homem como uma unidade fixa; esta unidade existe, porém é momentânea, histórica e varia com o desenvolvimento da indústria, do comércio ou seja da forma como o homem procura modificar a natureza para seu desenvolvimento material (Marx & Engels, 1987: 126).

Ao tratar da ética em bases materialistas, Marx não nega a compreensão do homem como ser sensível, porém faz ressalvas quanto a esta constatação. Para o autor, o homem é um ser em atividade sensível, que se forma sentido o mundo em que vive ao mesmo tempo em que a sensibilidade o permite reconhecer o mundo, também o faz querer mudá-lo. Ao constatar a realidade em que vive, o homem é capaz de se sensibilizar com as condições de vida atuais, e assim procurar criticar esta realidade e dessa forma procurar mudá-la.

3. Bases da formação das relações sociais humanas

A primeira premissa para toda existência da história humana é a sua subsistência, então para Marx o primeiro ato histórico é:

a produção dos meios para a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material... Assim, a primeira coisa a fazer em qualquer concepção da história é observar este fato fundamental em todo o seu significado e em toda a sua dimensão, e atribuir-lhe a importância que lhe é devida. (Marx & Engels, 1987: 31)

A segunda premissa é a satisfação provinda do resultado da produção dos meios para suprimento das necessidades humanas. E esta satisfação é que leva a formação de novas necessidades. E para Marx, “esta produção de novas necessidades é o primeiro ato histórico”.

A terceira premissa que é advinda dos dois primeiros pontos é a formação das relações de procriação do homem, que é a família. Sendo de início a única relação social do homem, porém com o desenvolvimento da produção surgem novas relações sociais, e conseqüentemente o crescimento das necessidades.

Vale ressaltar que estas três premissas, não podem ser caracterizadas como partes diferentes, mas sim como momentos que existem simultaneamente desde o início da história e podem ser constatados até o momento atual.

A produção da vida, tanto da própria, no trabalho, como da alheia, na procriação, surge agora imediatamente com uma dupla relação: por um lado como relação natural, por outro como a relação social - social no sentido em que aqui se entende a cooperação de vários indivíduos seja em que circunstâncias for e não importa de que modo e com que fim. (Marx & Engels, 1987: 33)

Assim a linguagem surge da necessidade física de se relacionar com o outro, ela que proporciona o homem se tornar um ser social. Para Marx a linguagem é a consciência real prática, pois existe para os outros homens. A linguagem como representação material das relações sociais humanas, não pode ser desassociada de uma ética que vise uma mudança real da sociedade (mudança da infra-estrutura). Ética em Marx que advém do seu conceito de origem grega *ethos* e que pode ser definido assim: o hábito de agir de certa maneira reflete em uma ação que pertence ao domínio do “agente e que exprime sua *autárkeia*, o seu domínio de si mesmo, o seu bem.” O *ethos* como espaço para a formação do hábito, é formado a partir da práxis humana para a sua realização como homem. Assim a práxis humana é ação ética. A permanência do homem sobre a terra depende de sua morada, que vai lhe propiciar um habitat seguro e condições de vida perante a natureza. Morada como metáfora para *ethos*, nos propicia uma visão do *ethos* como a criação de costumes para a vida do homem. Desta forma *ethos* não é uma coisa dada e sim algo construído pelo homem e que necessariamente se modifica de acordo com as necessidades humanas de sobrevivência (Vaz, 1993: 12, 13).

Por isso a importância “da língua, como realidade material específica da criação ideológica” (Bakhtin, 1999: 25) para podermos apreciar um estudo de forma concreta da ética. É da necessidade de sobrevivência e de comunicação que o homem procura o relacionamento social com seus pares, e é desses relacionamentos que surge a linguagem, esta como algo material, social e conseqüentemente pertencente ao mundo exterior. A formação ética se deve às relações de comunicação do indivíduo para com o outro. Daí o

surgimento de uma ética advinda da interação lingüística.

Para começar, as bases de uma teoria marxista da criação ideológica – as dos estudos sobre o conhecimento científico, a literatura, a religião, a moral, etc. – estão estritamente ligadas aos problemas de filosofia da linguagem. ... Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. (Bakhtin, 1999: 31) (grifo nosso)

A ética como uma estrutura ideológica, pode ser percebida através dos símbolos da linguagem. A nossa intenção de pesquisa é procurar entender a ética marxiana como signo que pode ser interpretado e estudado pela filosofia da linguagem.

4. A linguagem como forma material para construção de uma ética a partir de Marx

Ao pensar a ética como signo, podemos dizer que ela representa uma realidade e que também reflete e refrata outra, com a possibilidade de estar sendo fiel a esta realidade, sobre um ponto de vista específico ou distorcendo-a.

A ética como signo ideológico, além de ser um reflexo da realidade, gera conseqüências materiais na medida em que é a representação externa dos costumes dos homens. Assim podemos estudar a realidade da ética de forma objetiva, utilizando uma metodologia objetiva, a filosofia da linguagem. Atualmente podemos dizer que a filosofia tem se preocupado com a palavra como a filosofia do século XVII preocupava-se com a idéia, esta já foi o objeto principal dos estudos filosóficos, pois representavam a ligação do cogito cartesiano com o mundo exterior (Hacking, 1999: 158).

Assim sendo, importante ressaltar que a ética faz parte do mundo exterior (como também do mundo interior, consciência), pois como um signo é interpretado e somente ganha significado socialmente. As filosofias que colocam a ética como algo somente da consciência:

...esquecem que a própria compreensão não pode manifestar-se senão através de um material semiótico (por exemplo, o discurso interior), que o signo se opõe ao signo, que a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos. Afinal, compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos. (Bakhtin, 1999: 33, 34)

Desta forma, verificamos que é difícil pensar em ética como algo que somente pertence ao mundo da consciência, do interior humano; na verdade ela passa a existir quando toma significado, ou melhor dizendo, ganha corpo em forma de signo. Para que um signo seja reconhecido como tal é condição *sine qua non* um processo de interação social, pois é necessária uma correspondência entre indivíduos sobre o valor de um símbolo para que ele ganhe a fertilidade de interpretação de um signo.

A consciência individual só existe quando está carregada de conteúdo ideológico, esta só existe em um processo de interação social. A consciência individual está repleta de símbolos. O conteúdo ideológico é introduzido à consciência individual e esta é formada sem suporte algum na realidade ficando na especulação do tudo ou nada, o que para os idealistas a consciência individual é tudo.

...com a pretensão de verdade o individuo relaciona-se pela linguagem com a natureza

externa, o que permite opor o mundo público do ser (Sein) ao mundo privado da opinião ou aparência (Shein); com a pretensão de correção o indivíduo relaciona-se pela linguagem com o mundo social, permitindo a oposição entre regularidades empíricas observáveis, o ser (Sein), e normas vigentes a serem obedecidas, o dever ser (Sollen); e com a pretensão de verdade ou sinceridade, o indivíduo se relaciona com sua natureza interna, suscitando a oposição entre a essência individualizada do sujeito (Wesen) e a maneira como ele se mostra aos outros (Erscheinung). (Costa, 2003: 53)

O signo só aparece nas relações entre indivíduos, porém não só dessa relação básica, mas depende também de uma organização social, de um grupo, para daí então um sistema de signos poder ser formado. Desta forma, a ética pensada como um signo, só pode ser definida objetivamente se for pela ordem sociológica. A ética não pode ser considerada como algo imanente ao homem, pois a ética não pode derivar da consciência pura, pois esta surge de um movimento dialético entre a sociedade e a consciência individual. A ética só pode tomar forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. São os signos que vão suprir a consciência individual, fornecendo matéria para que esta possa se desenvolver.

Na discussão atual, o discurso público substituiu o discurso mental. Se não fosse por causa de alguns detalhes técnicos, os filósofos hoje em dia iriam dizer sobre a “sentença” o que Port Royal uma vez disse sobre as “idéias”, que a palavra é simples demais para ter definição. A sentença é o objeto simples visto como fundamental na explicação da verdade, significado, experimento e realidade. (Hacking, 1999: 159)

A realidade de uma ética é a realidade objetiva dos signos sociais de um determinado momento. A lógica da comunicação semiótica é a mesma que forma uma ética. E esta lógica é derivada do conjunto de leis econômicas e sociais. A realidade ética é uma superestrutura que está localizada logo acima da base econômica. Assim podemos chegar a conclusão que o indivíduo não poder ser arquiteto de toda uma infra-estrutura econômico-social e muito menos formador (criador) de uma ética.

Ao separar a ética da consciência individual:

...nós os ligamos às condições e às formas da comunicação social. A existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos.

Mas esse aspecto semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. (Bakhtin, 1999: 36)

A palavra é a representação mais clara e básica da comunicação social é nela que se tem o mais puro dos signos. Além de pura e básica, a palavra, podemos dizer, é neutra, pois ela pode ser utilizada com qualquer função ideológica. Ela é formada sem a utilização de qualquer instrumento extracorporal, então podemos dizer que ela é o “material semiótico da vida interior, da consciência” (Bakhtin, 1999: 37).

Servindo como material flexível, veiculável para consciência se desenvolver, esta pode ser vista como um signo interior e pode não ter expressão externa.

Porém é preciso entender a palavra como signo social para poder entender sua função como instrumento da consciência. E é nesse papel de “excepcional instrumento da

consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica” (Bakhtin, 1999: 37).

A ética como uma construção (criação) ideológica é acompanhada pela palavra, pois, como foi, dito esta é o principal instrumento da reflexão interior humana. E o processo de compreensão das problemáticas éticas depende, naturalmente, do discurso interior.

Nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída. ...Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação. (Bakhtin, 1999: 38)

Desta forma podemos chegar à hipótese de que a palavra é objeto fundamental para o estudo da ética. E a filosofia da linguagem (concebida como filosofia do signo ideológico) é de fundamental importância para um aprofundamento com uma visão a partir de Marx nas estruturas ideológicas da ética.

7. BIBLIOGRAFIA

- BAKHITIN, Mikhail. *Marxismo e a filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- COSTA, Claudio. *Filosofia da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- FROMM, Eric. *Conceito marxista do homem com uma tradução dos manuscritos econômicos e filosóficos de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- HACKING, Ian. *Por que a linguagem interessa à filosofia?* São Paulo: UNESP, 1999.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844*. In: *Conceito marxista do homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975 (Apêndice à obra de Erich Fromm).
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã (I – Feuerbach)*. Hucitec. São Paulo: 1987.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Centauro, 2002.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia II (Ética e cultura)*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.